

O Ocidente, o “resto” do mundo e a internacionalização dos Estudos de Mídia – “Chíndia”, BRICS e *soft power**

The West, the “rest” and the internationalization of Media Studies – “Chindia”, BRICS and soft power

Entrevista com DAYA KISHAN THUSSU**

University of Westminster, Communication and Media Research Institute (CAMRI). Londres, Reino Unido

por Andrea Medrado***

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Comunicação Social. Rio de Janeiro-RJ, Brasil

DAYA THUSSU REPRESENTA um caso relativamente incomum: tendo fixado residência no Reino Unido em 1988, é um dos poucos estrangeiros que atuam no meio acadêmico britânico sem ser portador de um diploma daquele país, algo que o enche de orgulho. Apesar de ter vivido 26 anos em um dos berços do antigo império ocidental, seu olhar de pesquisador e ex-jornalista sempre buscou outras direções, voltando-se para o Oriente e para o seu país de origem, a Índia, assim também como para os países do chamado *Sul Global*. À medida que os debates sobre a globalização ganhavam corpo e a geopolítica mundial ia se reconfigurando, sua carreira acadêmica foi ascendendo em ritmo razoavelmente acelerado: nove anos após ter abraçado a vida acadêmica em tempo integral, tornou-se *Professor*¹ em Comunicação Internacional, vinculado ao *Communication and Media Research Institute* (CAMRI) da *University of Westminster*, em Londres, onde também atua como codiretor do Centro de Mídia da Índia (*India Media Centre*).

A postura e a fala tranquilas de Thussu, elogiadas por seus alunos, não amenizam uma insistente demanda por uma maior internacionalização dos Estudos de Mídia e Comunicação. Como Thussu mesmo diz, ele está constantemente *martelando* que é preciso que a comunicação se liberte do etnocentrismo que está impregnado em sua origem e preste mais atenção ao que está acontecendo no *resto do mundo*². Com esse propósito e fazendo

* Entrevista realizada em setembro de 2014 pelo Skype. A entrevistadora concluiu seu doutorado em Estudos de Mídia pela Universidade de Westminster em 2010. Ela conheceu o Professor Daya Thussu enquanto realizava o doutorado.

** Ph.D. em Relações Internacionais pela Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Délhi, Índia. E-mail: D.K.Thussu@westminster.ac.uk

*** Ph.D. em Estudos de Mídia pela Universidade de Westminster, Londres, Reino Unido. E-mail: andreamedrado@id.uff.br; ammedrado@hotmail.com

1. No Reino Unido, o título de *Professor* corresponde ao nível mais alto da carreira em docência. Os níveis, por ordem de progressão, são: *Lecturer*, *Senior Lecturer*, *Reader* (ou *Associate Professor*) e *Professor*.

2. Antes da entrevista, Thussu e a entrevistadora também fizeram menção ao fato do setor de controle de passaportes no aeroporto de Heathrow, em Londres, ter uma placa em que se pode ler “resto do mundo” (*rest of the world*) para onde devem se dirigir todos os visitantes oriundos de fora da área da comunidade europeia.

uso da sua bagagem em Relações Internacionais, Política e História, Thussu tem se voltado para temas como o estudo dos fluxos culturais entre a China e a Índia (ou Chindia³) e as cooperações Sul-Sul⁴. Nesta entrevista, Thussu fala sobre como os Estudos de Mídia e Comunicação podem se tornar mais internacionalizados, da importância dos estudos comparativos e do seu otimismo com relação ao que os BRICS podem oferecer como alternativa a Washington e ao mundo ocidental. Por último, aborda o conceito de *soft power*⁵ sob uma perspectiva *não americanizada*, tema que tem permeado seu trabalho mais recente. O autor também fala do potencial do Brasil em *soft power*, argumentando que além de ter uma imagem *simpática* no cenário internacional, o país também tem sido levado *a sério*. “Além do Brasil, que outro país com este tamanho não tem divergências com nenhuma outra nação?”, pergunta.

MATRIZES: Para começar, queria que contasse um pouco mais sobre a sua trajetória pessoal e profissional. Onde você nasceu? Há quanto tempo está no Reino Unido?

Thussu: Moro na Grã-Bretanha desde 1988. Nasci na Índia num lugar muito bonito, numa cidade chamada Nainital⁶. Recebi minha educação formal inteiramente na Índia, desde os primeiros anos da escola até o Ph.D. Isso é algo incomum: ser professor no Reino Unido sem ter estudado no mundo *ocidental*. Tenho muito orgulho desse fato. Não fui poluído pela educação ocidental. De certa forma, suponho que isso tenha ajudado a moldar a minha maneira de pensar o mundo porque fui educado totalmente na Índia. No meu país, o sistema educacional é muito influenciado pelo sistema britânico porque a educação foi organizada pelos ingleses. Assim, estamos muito expostos ao discurso ocidental e aos seus principais argumentos, temos uma boa compreensão cultural e uma compreensão histórica e isso ajuda. Então, concluí o meu Ph.D. na *Jawaharlal University*, em Nova Déli, que é a melhor universidade da Índia. Fiz meu doutorado em Relações Internacionais e também tenho um mestrado em História e outro mestrado em Política, ambos obtidos pela *Kumaon University* em Nainital, Índia.

3. Ver o artigo do autor *De-americanising Media Studies and the Rise of Chindia* (Dussu, 2013a).

4. Processos de articulação cultural, política e econômica entre os países em desenvolvimento ou entre os países emergentes.

5. O conceito de *soft power* está associado ao trabalho do cientista político Joseph Nye. O conceito se refere à habilidade de “atrair pessoas para o nosso lado sem coerção”. O conceito de Nye (2004) tem maior enfoque nos Estados Unidos, tendo sido adotado ou adaptado por outros países do mundo. Muitos debates giram em torno da capacidade das nações se tornarem atraentes em um mercado globalizado de ideias e imagens (Thussu, 2013b).

6. Localizada no estado de Uttarakhand.

MATRIZES: Nada de Comunicação ou Estudos de Mídia então.

Thussu: Exatamente. Minha atuação em Estudos de Mídia traz uma bagagem ligeiramente diferente, uma bagagem que vem de outras áreas como Política, História, Relações Internacionais, e não, digamos, de áreas como Sociologia, Antropologia, Comunicação e Estudos de Mídia. Acho que isso acaba se refletindo no tipo de trabalho que tenho realizado. Gosto de pensar que meu trabalho é principalmente de natureza política e que, de alguma forma, tem uma ligação com as Relações Internacionais. Também tenho experiência atuando como jornalista na Índia e em Londres. Na Índia, eu trabalhei para a agência nacional de notícias chamada *Press Trust of India*, era uma organização muito grande. Nos anos 1980, quando ainda estava na Índia, era a maior empresa de mídia. Em Londres, trabalhei para uma pequena organização chamada *Gemini News Service*, uma agência de notícias com enfoque nos países de regiões em desenvolvimento na África, América Latina e Ásia. Esse trabalho também ajudou a despertar meu interesse em pesquisa porque estava exposto a um trabalho jornalístico voltado aos países em desenvolvimento nessas regiões. Portanto, essa combinação de Jornalismo Internacional com Relações Internacionais me ajudou muito em meu trabalho.

MATRIZES: O que o motivou a se mudar para o Reino Unido e começar a ensinar lá? Você deu aulas para um curso de Mestrado, correto?

Thussu: Consegui uma bolsa de Pós-Doutorado do governo britânico – a *Foreign & Commonwealth Office Scholarship* (FCO) – para vir para a Grã-Bretanha e realizar uma pesquisa e fui para a *Open University*. Quando estava trabalhando lá, conheci a mãe dos meus dois filhos. Essa pode ser a razão pela qual estou agora no Reino Unido e não na Índia. Mas ainda tenho passaporte indiano, o que me causa diversos tipos de problema toda vez que vou viajar, tenho que conseguir vistos... é muita dor de cabeça. Então, foi essa bolsa de Pós-Doutorado do Governo Britânico que me trouxe para cá. Naquele tempo, já trabalhava como jornalista na Índia e nem me ocorria que trabalharia no meio acadêmico. Estava muito feliz na minha função de jornalista. Meu trabalho era empolgante. A Índia é um país muito grande e complexo. Trabalhando como jornalista numa agência nacional de notícias em Déli e fazendo parte de uma grande universidade, eu tinha várias conexões com as elites intelectuais e as elites do jornalismo, então estava num lugar excelente. Porém, como disse, decidi permanecer no Reino Unido por motivos pessoais e consegui um emprego trabalhando como editor associado nessa pequena agência, a *Gemini News Service*. Trabalhei lá por quatro anos e durante esse período também dei algumas aulas para a *Open University*. Eles tinham um curso sobre estudos de

desenvolvimento. Essa experiência foi muito útil porque a *Open University* tem um ótimo sistema para nos ensinar a ensinar. Eles têm uma grande ênfase em pedagogia, essas coisas, então foi uma experiência ótima para mim, alguém que nunca havia ensinado. Foi assim que coloquei um pezinho no mundo acadêmico. Nesse tempo, também já tinha concluído meu Ph.D. e aí surgiu a oportunidade de me candidatar a uma posição acadêmica e fui selecionado. Comecei a trabalhar em 1995 como acadêmico em tempo integral e em 2004 me tornei Professor no melhor departamento de Estudos de Mídia do Reino Unido na *University of Westminster*. Devo admitir que foi até rápido... em nove anos me tornei *Professor*... mas trabalhei arduamente para isso porque não tive nenhum padrinho, essa foi realmente uma consequência do meu trabalho duro e da minha contribuição para a área. Foi assim que entrei no sistema. Um outro aspecto que deve ser mencionado é que minha trajetória acadêmica teve a ver com a maneira em que o mundo mudou nesses 20 anos porque, quando comecei, assuntos como mídia internacional, mídia global não eram considerados importantes nos círculos acadêmicos, especialmente na área de mídia e comunicação. No Reino Unido, tudo era muito voltado para os britânicos, era tudo voltado à mídia britânica, à cultura e à sociedade britânicas. Aí o mundo mudou, a guerra fria terminou, novas regiões do mundo começaram a emergir e surgiu uma necessidade nos departamentos de Mídia e Comunicação por pessoas que tivessem o meu perfil. Meu trabalho se enquadrava bem a essas mudanças que estavam acontecendo no mundo com a globalização. Então, de alguma forma, pude dar minha contribuição para aqueles debates.

MATRIZES: Realmente, seu caso é raro... grande parte dos estrangeiros que acabam fixando residência na Grã-Bretanha também têm títulos britânicos.

Thussu: Pois é, ainda falando sobre este assunto, quando fazia meu pós-doc, um ilustre colega chegou a me dizer: “você já pensou em fazer um Ph.D. na Grã-Bretanha?” E eu disse: “desculpe, mas já tenho um Ph.D. em Relações Internacionais obtido numa universidade muito boa, tive um sofisticado nível de educação, então, por que deveria fazer outro Ph.D. em Estudos de Mídia?”. Ele acabou compreendendo porque tinha uma bagagem acadêmica semelhante à minha. Mas me foi sugerido que eu pensasse em obter um título britânico e eu disse: “não, não preciso disso”. Acho que provei que tinha razão.

MATRIZES: Quais foram os maiores desafios que enfrentou no início da carreira acadêmica?

Thussu: Antes de me tornar um acadêmico em tempo integral, ministrei um curso sobre estudos de desenvolvimento. Sou da Índia, um país enorme, em

desenvolvimento, que tem problemas imensos como desigualdade, pobreza etc. Sempre achei que os debates ocidentais sobre desenvolvimento tinham um foco muito restrito. Eram sempre sobre a Oxfam⁷ e sobre o que é desenvolvimento. Quando comecei a ensinar na *University of Westminster*, a primeira coisa que disse para meus colegas foi: “por que você não inclui material sobre comércio de armas e conflito?”. É assim que você consegue tocar na questão da pobreza. Se você examinar o caso de vários países do mundo em desenvolvimento, vai ver que eles gastam uma quantia enorme em defesa, no comércio de armas, há uma série de conflitos em muitas partes do mundo em desenvolvimento. Vejamos o caso do Congo e da Síria, por exemplo. Os discursos ocidentais nunca abordavam essas questões. Então, comecei em 1988 e desde aquele tempo eu já dizia que era preciso ampliar essa abordagem de desenvolvimento. Inicialmente, houve muita resistência porque as pessoas tendem a trabalhar em suas zonas de conforto e elas, muitas vezes, não querem enfrentar desafios intelectuais. Mas esse era o meu argumento, um argumento baseado em pesquisa. Aos poucos, eles começaram a me levar a sério. Inicialmente, foi isso que aconteceu. Devo dizer também que tive a sorte de ter colegas que conseguiam compreender tais questões, o que me ajudou bastante. A *University of Westminster* tem vários centros internacionais de mídia – da China, da Índia, dos países árabes, que outro departamento tem esses centros? Então, o departamento teria mesmo que ter essa orientação mais internacional. Temos algumas pessoas fantásticas que realizam trabalhos em várias partes do mundo e isso traz uma perspectiva internacional. No entanto, temos uma lacuna com relação à América Latina, não temos ninguém que seja especialista nesta parte do mundo.

MATRIZES: Você chegou à conclusão de que muitos dos pontos de vista ocidentais não eram adequados ao contexto de outros países do *resto* do mundo. Por exemplo, em vez de se concentrar nos debates sobre imperialismo de mídia, você optou por buscar outras perspectivas. Você não nega que haja um desequilíbrio em termos dos fluxos de cultura e da mídia entre o ocidente e o *resto*, mas argumenta que devemos prestar mais atenção em outras partes do mundo, como China, Índia (ou Chindia) e nos fluxos de sul para sul. Quando foi que começou a se interessar por essas questões?

Thussu: Tenho interesse nesses assuntos há muito tempo. Acho que tem alguma coisa a ver com a minha educação na Índia porque o país sempre foi um forte expoente do não alinhamento, um exemplo de nação do Sul Global que dialogava com outros países do Sul Global. Eu cresci cercado por esses

7. A Oxfam – de *Oxford Committee for Famine Relief* (Comitê de Oxford de Combate à Fome) – é uma confederação de organizações voltada aos problemas da pobreza e injustiça (N. do E.).

debates intelectuais, questionando: “que partes do bloco X ou do bloco Y eram independentes ou tinham autonomia?”. Acredito que tenhamos que ser portavozes do mundo em desenvolvimento. Acho que é muito importante ter isso em mente e é algo que vem acompanhado de um legado histórico e intelectual. O primeiro livro que publiquei foi em 1992, quando era jornalista, não era acadêmico ainda. O livro se chamava *Contra-Flow in Global News* e foi publicado em conjunto com a UNESCO. Era um projeto da UNESCO em que eu estava envolvido junto com Oliver Boyd-Barrett (1992). O projeto era dele, mas eu fui o coautor e o livro era sobre cooperação Sul-Sul em temas de trocas de notícias. Na realidade, o livro era parte de um projeto mais amplo da UNESCO em que eu estava envolvido. Então, mesmo antes de me tornar um acadêmico em tempo integral, já abordava algumas dessas questões com seriedade. Também tinha naquela época o trabalho que eu estava realizando em Londres, na *Gemini News Service*. Eles também atuavam com esse conceito de fluxo Sul-Sul, tentando incentivar um tipo de comunicação mais horizontal – africanos conversando com asiáticos, asiáticos dialogando com latino-americanos, enfim, uma conversa que não fosse controlada pelo *norte*. Eu acho que isso me ajudou. Desde então, meu trabalho tem sido bem sucedido. Meu livro *International Communication* já está em sua terceira edição e foi traduzido para o chinês. Se você for examinar este livro, vai ver que foi escrito por alguém que veio do hemisfério sul, não necessariamente da Índia, mas do hemisfério sul porque o foco está no sul. Este tem sido um dos meus interesses desde muito cedo, desde meus dias como estudante de graduação. É claro que os debates sobre o imperialismo de mídia, o imperialismo cultural são muito válidos, mas eles ainda têm um foco muito restrito em discussões economicistas. Como sabemos, a cultura e a mídia têm aspectos que são muito mais complexos. Em 2007, escrevi um livro chamado *Media on the Move: Global Flow and Contra-Flow*. Este foi o primeiro livro a examinar o fenômeno da ascensão da mídia do *resto* do mundo num contexto global. Abordamos animação japonesa, *Bollywood*, *Al Jazeera*, novelas brasileiras e mexicanas. Foi uma intervenção precoce nesse campo, fazendo lembrar que nem tudo se origina em Londres ou em Nova Iorque, há outras áreas também. Mais recentemente, examinei o discurso sobre a China e Índia, Chíndia, porque acredito que seja muito significativo. Não digo isso porque sou indiano mas, sim, porque esses dois países são tão imensos e eles estão crescendo tão rapidamente, quero dizer, a China muito mais que a Índia, certamente. Como esses dois países se relacionam será um tópico muito interessante nas próximas décadas porque a escala e o escopo são gigantescos. Estamos falando de cerca de 1,3 bilhão de pessoas na China, 1,2 bilhão de pessoas na Índia. São as duas economias que mais crescem no mundo. São também

duas civilizações muito antigas, não são apenas Estados-Nação. Têm muitos outros atributos também, e acho que isso traz possibilidades muito interessantes. Na verdade, acabo de voltar da China há cerca de uma semana. Passei duas semanas lá. Foi muito interessante ver quão pouco os chineses sabem sobre a Índia ou os indianos sabem sobre a China. Todos olham para o Ocidente e, principalmente, para os Estados Unidos como inspiração. Mas, nesta viagem eu também notei que está despertando na classe intelectual um grande interesse sobre o que está acontecendo em outras partes do mundo. Acho que isso tem a ver com esse fenômeno BRICS, com essa nova constelação de países. Dentro desta constelação, a China está mirando os outros parceiros do BRICS também. Obviamente, o Brasil possui um significativo investimento chinês. A Rússia e a China assinaram um acordo de 400 bilhões de dólares. Algo muito interessante está acontecendo nesse campo. Meu trabalho mais recente é um livro que vai sair no início do próximo ano, sobre os BRICS, é um mapeamento da mídia dos países BRICS. Está alinhado com meus interesses de pesquisa, analisando a ascensão dos meios de comunicação em países não ocidentais.

MATRIZES: Seguindo a linha do que você estava dizendo antes, no Brasil, não temos muita exposição a Bollywood, por exemplo. Obviamente, há um diálogo Sul-Sul, mas ele ainda é um pouco filtrado, ou acaba passando pelas rotas do mundo *ocidental*, embora haja também exemplos em que vemos um desvio destas rotas. Você acha que isso pode mudar? Os países *não ocidentais* vão começar a olhar mais uns para os outros?

Thussu: Bem, a verdade é que todos nós olhamos para o Ocidente, seja do Brasil, ou da Índia, ou da China, ou até mesmo da Rússia, porque o Ocidente ainda é muito importante. E dentro do Ocidente há uma espécie de núcleo de países – Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, França etc. Sabemos que eles são importantes porque ainda são países muito poderosos. Apesar do crescimento de outros países e, especialmente, da China, ainda deve demorar mais alguns anos, talvez uma década, ou duas décadas, para que as coisas mudem um pouco. Parte do problema é que há pouca troca. Por exemplo, você mencionou Bollywood, a maior fábrica de cinema do mundo, mas não é nem um pouco visível na América Latina, certo? O fato do Brasil ser o maior produtor de telenovelas do mundo também não é lá muito visível. São mercados enormes. Imagino que é porque essa interação ainda se encontra em uma fase muito precoce. Entretanto, os BRICS oferecem uma plataforma interessante. Agora eles estão dizendo “OK, nós deveríamos ter um fórum acadêmico dos BRICS, deveríamos ter uma universidade dos BRICS, deveríamos ter mais intercâmbio cultural”. Se essas economias realmente decidirem levar essa ideia

a sério, farão um verdadeiro esforço para que isso aconteça. Ok, vamos ter um sistema de cotas em que você possa mostrar alguns filmes chineses no Brasil ou telenovelas brasileiras na Índia, ou filmes indianos na África do Sul, por exemplo. Então, acredito que isso ainda virá, mas, por enquanto, como você disse, tem sido muito limitado. E, de fato, no livro que mencionei, temos um capítulo inteiro sobre as trocas intra-BRICS. Para ser honesto, elas são muito limitadas. A mídia chinesa está longe de ser vista na Índia, a mídia indiana está totalmente ausente no Brasil, até mesmo quando se fala de entretenimento ou esporte ou qualquer outra coisa, então isso ainda vai levar algum tempo. O sistema ainda é muito controlado por poucos países poderosos, mas isso está mudando. Eu diria: vamos dar tempo ao tempo, vamos esperar mais um década e isso deve mudar.

MATRIZES: E também tem a questão da língua. Sou brasileira e você é indiano, mas nós estamos usando o inglês para nos comunicar.

Thussu: Mas, veja bem, isso também pode mudar. Se você pensar no francês, em como o francês era a língua da alta cultura, da alta poesia, da diplomacia na Europa por 200 anos. O francês percorria todo o caminho até a Pérsia. No Irã, as elites falavam francês, certo? Hoje, esse não é mais o caso. Hoje, cada vez mais, os franceses estão aprendendo inglês porque eles querem poder operar melhor numa esfera global. É bem possível que daqui a 30 anos todos tenhamos que aprender mandarim porque os chineses serão tão importantes que poderão dizer “bem, se você quiser negociar conosco, terá que aprender nossa língua”. É interessante, como falei antes, quando estive na China, assisti TV e não havia nada em outra língua que não fosse o mandarim. Até mesmo os programas americanos que eles exibiam, vi também uma novela latino-americana, não saberia dizer se era mexicana ou brasileira, estava tudo dublado em mandarim. À medida que a indústria deles se tornar mais e mais poderosa, eles irão se certificar de que sua língua se torne mundialmente usada. O fato da Grã-Bretanha ter sido o maior império global foi um incidente histórico. Também acho que a internet tenha alguma coisa a ver com isso porque cada vez mais as pessoas estão usando esse meio de comunicação e o inglês é uma língua relativamente fácil, uma língua muito flexível. Mas não acho que devamos nos preocupar muito com a língua. A linguagem é apenas um meio. Se você for pensar na questão da internet na China, é tudo em mandarim, não em inglês.

MATRIZES: Com relação à internacionalização, de que maneiras você acha que o *resto* do mundo pode contribuir de forma mais significativa para a Comunicação e os Estudos de Mídia?

Thussu: Meu livro *Internationalizing Media Studies*, que escrevi em 2009, nasceu de uma conferência que eu tinha organizado. Na verdade, o livro é uma coleção de ensaios e o argumento principal é que os Estudos de Mídia surgiram no mundo ocidental, oferecendo contribuições valiosas para o conhecimento. No entanto, o mundo da mídia mudou, particularmente nos grandes países da Ásia, já que meus focos eram a China e a Índia. Para que a gente possa entender o que está acontecendo nesses países, precisamos ampliar nossas referências e nossos modos de pensar sobre essas audiências, indústrias, ou culturas. Também argumentei que precisamos historicizar mais porque acredito que haja uma terrível falta de perspectiva histórica nos Estudos de Mídia. A disciplina tem suas origens no século XIX com a imprensa na Europa ou no Reino Unido ou nos Estados Unidos, mas não se volta realmente para a História, como disse antes. Fiz mestrado em História e me interessei muito por História porque acredito que você simplesmente não pode entender o presente sem ter um contexto histórico. Então, meus principais argumentos para internacionalizar os Estudos de Mídia e Comunicação são: é preciso torná-los amplos, consultar a história, pensar nas especificidades culturais e incentivar mais pesquisas empíricas, mais estudos comparativos. Estou contente de ver que isso está acontecendo com maior frequência porque o perfil dos alunos também está mudando. Se você olhar para nossos alunos de doutorado, por exemplo, eles vêm de várias partes do mundo. Eles estão cada vez mais fazendo pesquisas comparativas, pensando: “como eu posso usar Habermas na China?” ou como: “posso usar o imperialismo cultural no contexto de um país africano?”. Acredito que há um progresso nesse sentido. Gostaria de pensar que, de forma muito modesta, também contribuí para esses debates por estar sempre martelando nessa necessidade de internacionalizar e ampliar nosso campo. E isso parece já estar acontecendo de um jeito discreto. O problema é que ninguém quer perder sua posição privilegiada. Se eu fosse um acadêmico do mundo ocidental, bem estabelecido, se eu tivesse um conjunto particular de teorias que eu me utilizasse sempre, provavelmente me perguntaria: “para que então pensar em fazer alguma coisa que será trabalhosa?”. Então, as pessoas se apegam às fórmulas já testadas. Realmente, para poder pensar em paradigmas alternativos, pensar em novas estruturas teóricas, a pessoa precisa de muito tempo, precisa pensar bastante. A verdade é que não vai ser uma pessoa, ou uma conferência, ou um livro que vai conseguir fazer isso. Acredito que é por isso que vai levar algum tempo, vai depender do esforço de algumas pessoas e vai ter que vir do Sul Global, porque são esses países que não recebem a devida atenção. Eles acabam se fazendo presentes apenas através de estudos de caso, mas não por fornecer uma estrutura conceitual. Em muitos desses países, os estudos de comunicação ainda se

encontram em estágios iniciais como disciplina. Acredito que vai levar algum tempo, mas tenho certeza de que é algo que já está começando a ganhar corpo.

MATRIZES: Voltando aos BRICS, alguns críticos acreditam que eles são resultado de uma criação artificial. Você é um entusiasta dos BRICS?

Thussu: Ainda é cedo para fazer qualquer tipo de afirmação conclusiva sobre os BRICS, mas o fato é que esses países têm se reunido anualmente nos últimos seis anos, eles têm realizado cúpulas. Na última delas, que aconteceu no seu país, eles concordaram em criar um banco de desenvolvimento. É claro que é um projeto predominantemente chinês porque os chineses têm dinheiro de sobra. Isso acaba criando problemas para os russos, brasileiros e indianos porque eles se preocupam que os chineses comecem a dominar os BRICS. A África do Sul é um país relativamente pequeno, então, são realmente os russos, indianos e brasileiros que estão mais preocupados com a China. Se lembrarmos da história, vamos voltar a 1944 e 1945, após a segunda guerra mundial, quando o sistema de Bretton Woods foi criado, quando montaram o Banco Mundial e o FMI. A Grã-Bretanha era apenas um lugarzinho pequeno, girando em torno de Washington, mas foram esses caras que montaram essas instituições. E essas instituições acabaram moldando as estruturas internacionais de comércio, do sistema bancário, a economia internacional. Lógico que o banco BRICS é muito pequeno em comparação. Ele acabou de ser anunciado este ano e vai demorar mais um ano para que seja montado, mas já tivemos algum progresso, tem alguma coisa acontecendo, estão surgindo algumas potenciais alternativas ao que conhecemos como o consenso de Washington. Além disso, dentro do BRICS, existem algumas conexões interessantes. Por exemplo, você deve lembrar que no início deste ano, na primavera, os russos assinaram um contrato bilionário de energia com a China, 400 bilhões de dólares, um dos maiores acordos de todos os tempos. Bem, isso tudo está acontecendo fora do controle do mundo ocidental. Washington não tem nenhum controle: é Moscou e Pequim. De maneira parecida, o comércio entre a China e a Índia, que era insignificante no início dos anos 1990, agora já representa 70 bilhões de dólares e querem aumentá-lo para 100 bilhões até 2015. Isso é o que chamo de *a outra globalização*, que está fora do radar ocidental, mas está realmente acontecendo. Vejo os países BRICS nesse contexto. Naturalmente, é verdade que essa seja uma criação artificial. Ainda é muito cedo. Cada um desses países têm seus próprios problemas e todos eles têm suas aproximações com os Estados Unidos por diversas razões. Há, por exemplo, uma imensa diáspora indiana na América. Na verdade, toda família de classe média indiana tem hoje algum membro morando nos Estados Unidos, seja estudando ou

trabalhando. Então há uma conexão entre pessoas que nós não temos, por exemplo, com a China, com a Rússia ou com o Brasil. A mesma coisa acontece na China. Os chineses mandam seus filhos para estudarem em Harvard ou Princeton e não para o Brasil ou para a Índia, não é mesmo? Então, acredito que isso vai levar algum tempo, mas sinto-me otimista com relação ao que os BRICS possam oferecer. Por isso me envolvi num projeto de livro sobre esse tema. Ele deve sair no ano que vem.

MATRIZES: Gostaríamos de abordar o conceito de *soft power*. Tivemos aqui no Brasil a Copa do Mundo e teremos as Olimpíadas no Rio de Janeiro. Qual a sua visão sobre o uso que o Brasil tem feito dos megaeventos esportivos para estabelecer uma imagem internacional favorável? Como está se dando isso?

Thussu: O Brasil tem uma imagem muito boa de qualquer jeito. É o tipo de país que não tem conflitos com nenhum outro país. Se você parar para pensar vai se perguntar: “além do Brasil, que outro país com esse tamanho não tem problemas com nenhum outro país?”. Então, acho que vocês nem precisam se preocupar em promover o seu *soft power*. O que quero dizer é que é claro que a Copa do Mundo foi um grande evento, um evento que atraiu uma quantidade enorme de pessoas, mas acho que já existia uma percepção do Brasil como um lugar divertido, agradável e não como um lugar ameaçador. Mas, ao mesmo tempo, o Brasil também é percebido como um país sério no sentido de que todos sabem que é uma economia em crescimento, tem uma indústria farmacêutica fantástica, excelentes possibilidades na área de computação, tem uma classe média em crescimento, uma indústria de entretenimento fantástica. Quer dizer, o Brasil tem um monte de coisas acontecendo que podem incentivar seu *soft power*. Acredito que não podemos examinar apenas um único evento. Essa é uma visão muito restrita do *soft power*. O Brasil é muito mais interessante do que isso e tem uma contribuição muito mais sofisticada a dar para as discussões sobre *soft power*. Na verdade, como você deve saber, no livro que escrevi sobre *soft power* na Índia, temos um capítulo para *desamericanizar* o conceito de *soft power*. Meu argumento é que a versão americana de *soft power* tem um foco muito restrito na mídia e na própria América. Se você olhar para países como a Índia e a China, verá que eles têm uma história mais complicada para contar. Fiquei impressionado com a presença da influência indiana na China quando fui lá pela primeira vez, há dez anos. Quando vi todos aqueles lugares budistas perguntei aos meus amigos chineses “de onde vieram? Como vieram? Qual era o aspecto comunicativo? Como estes textos foram traduzidos?”. Eles não foram trazidos por exércitos invasores, vieram através de estudiosos e comerciantes, é um tipo muito diferente de comunicação. Fui então levado a pensar que essa era

uma espécie de atributo de *soft power*. O subtítulo do meu livro é *De Buda para Bollywood* porque o Budismo faz parte do conceito de *soft power*, está lá há 2000 anos e é muito proeminente. Não é como a MTV ou como a telenovela, é um poder muito mais duradouro. Essa foi apenas uma intervenção modesta, mas, na verdade, ela contribuiu para fazer as pessoas perceberem que existe algo mais... o discurso de *soft power* não deve ser centrado apenas no que os americanos pensam que é *soft power*. Devo admitir que, desde que esse livro foi publicado, tenho viajado para uma dúzia de países, dando palestras, indo a conferências, porque há nele algo que as pessoas julgam diferente. Estava conversando com Joseph Straubhaar em uma conferência em Seattle, estávamos na mesma mesa sobre *soft power* BRICS, e disse a ele: “você que trabalha tanto com o Brasil, poderia escrever um livro sobre *soft power* lá”.


MATRIZES: Você se inspira em algum estudioso latino-americano? Sei que às vezes não há tanta troca ou comunicação quanto gostaríamos, mas existe uma ou existem algumas áreas de estudos que servem de inspiração para você?

Thussu: Há algumas áreas que considero muito interessantes, áreas em que a América Latina tem feito uma grande contribuição. Uma delas é o debate sobre teoria da dependência em que estudiosos latino-americanos fizeram um trabalho fantástico, apesar de estar um pouco fora de moda hoje em dia. Se você parar para pensar, até mesmo no seu país, com Lula, houve um certo movimento na direção de uma social-democracia, foi colocado um argumento, vamos dizer assim, mais igualitário, tentando ir além do modelo dependente em que a América Latina se baseava com o domínio europeu ou americano. Acho isso inspirador. Também há um trabalho fantástico sobre a Teologia da Libertação na América Latina, sobre o uso dos grupos de igrejas como instrumentos para melhorar a vida das pessoas. Essa área não foi devidamente apreciada nos estudos de comunicação e mídia. Essas são duas áreas provenientes desta parte do mundo que me atraem. Talvez nós devêssemos usá-las mais em nosso ensino e estudo. Como você deve saber, eram áreas muito importantes nos anos 1970 e 1980.

MATRIZES: Assim também como a ideia de que a religiosidade pode ter um caráter extremamente político.

Thussu: Sim, com certeza, é só olhar para o Islã, olhar para o que está acontecendo na Síria hoje, que também é o Islã politizado.

MATRIZES: Quais são os seus planos para o futuro. Qual é a direção que sua pesquisa está tomando?

Thussu: Estou trabalhando em algumas coisas. Estou envolvido com a terceira edição do meu livro *International Communication*, que vai ser publicado no início do ano que vem. Também estou trabalhando em um estudo comparativo sobre o *soft power* na Índia e na China porque o discurso chinês é muito guiado e controlado pelo Estado. Já na Índia, o Estado está presente, mas não está fazendo muita coisa. É muito mais privado: Bollywood, a indústria de TI, a diáspora. Estou trabalhando neste projeto comparativo, é um livro editado, é a próxima coisa que vou fazer e deve sair no próximo ano. 

REFERÊNCIAS

- BOYD-BARRETT, O.; THUSSU, D. *Contra-Flow in Global News: International and Regional News Exchange Mechanisms*. London: Libbey, 1992.
- NORDESTRENG, K.; THUSSU, D. *Mapping BRICS Media*. Routledge (publicação prevista para 2015)
- NYE, R. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Cambridge, MA: Perseus Group Books, 2004.
- THUSSU, D. (Ed.). *Media on the Move: Global Flow and Contra-Flow*. Abingdon, New York: Routledge, 2007.
- THUSSU, D. (Ed.). *Internationalizing Media Studies*. Abingdon, New York: Routledge, 2009.
- THUSSU, D. (Ed.). *International Communication: A Reader*. Abingdon, New York: Routledge, 2010
- THUSSU, D. De-Americanising Media Studies and the Rise of “Chindia”. *Javnost - The Public*. Vol. 20, n. 4, p. 31-44, 2013a.
- _____. *Communicating India's Soft Power: Buddha to Bollywood*. New York: Palgrave Macmillan, 2013b.